

# A GÊNESE

OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES  
SEGUNDO O ESPIRITISMO

EDIÇÃO HISTÓRICA BILÍNGUE



# A GÊNESE

## OS MILAGRES E AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO

[1ª edição – 1868]

A Doutrina Espírita é o resultado do ensino coletivo e concordante dos Espíritos. A Ciência é chamada a constituir a Gênese segundo as Leis da Natureza. Deus prova a sua grandeza e o seu poder pela imutabilidade das suas Leis e não pela derrogação delas. Para Deus, o passado e o futuro são o presente.

Por

ALLAN KARDEC

*Autor de O livro dos espíritos*

Tradução de Evandro Noleto Bezerra



# SUMÁRIO

<i>Aviso da Editora</i> .....	9
<i>Introdução</i> .....	13

## A GÊNESE SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO I – CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA .....	19
CAPÍTULO II – DEUS	
Existência de Deus .....	55
A natureza divina .....	58
A Providência .....	62
A visão de Deus .....	67
CAPÍTULO III – O BEM E O MAL	
Origem do bem e do mal .....	71
O instinto e a inteligência .....	76
Destruição mútua dos seres vivos .....	82
CAPÍTULO IV – O PAPEL DA CIÊNCIA NA GÊNESE .....	87
CAPÍTULO V – ANTIGOS E MODERNOS SISTEMAS DO MUNDO .....	97
CAPÍTULO VI – URANOGRÁFIA GERAL	
O espaço e o tempo .....	105
A matéria .....	108
As leis e as forças .....	111
A criação primeira .....	113
A criação universal .....	116
Os sóis e os planetas .....	118
Os satélites .....	120
Os cometas .....	122
A Via Láctea .....	124
As estrelas fixas .....	125
Os desertos do Espaço .....	128
Eterna sucessão dos mundos .....	129
A vida universal .....	132

A Ciência.....	133
Considerações morais.....	135
CAPÍTULO VII – ESBOÇO GEOLÓGICO DA TERRA	
Períodos geológicos.....	139
Estado primitivo do globo.....	145
Período primário.....	147
Período de transição.....	148
Período secundário.....	151
Período terciário.....	154
Período diluviano.....	159
Período pós-diluviano ou atual. Surgimento do homem.....	161
CAPÍTULO VIII – TEORIAS DA TERRA	
Teoria da projeção.....	163
Teoria da condensação.....	166
Teoria da incrustação.....	166
CAPÍTULO IX – REVOLUÇÕES DO GLOBO	
Revoluções gerais ou parciais.....	171
Dilúvio bíblico.....	172
Revoluções periódicas.....	174
Cataclismos futuros.....	177
CAPÍTULO X – GÊNESE ORGÂNICA	
Formação primeira dos seres vivos.....	181
Princípio vital.....	188
Geração espontânea.....	190
Escala dos seres corpóreos.....	191
O homem.....	192
CAPÍTULO XI – GÊNESE ESPIRITUAL	
Princípio espiritual.....	195
União do princípio espiritual à matéria.....	199
Hipótese sobre a origem do corpo humano.....	200
Encarnação dos Espíritos.....	201
Reencarnação.....	209
Emigrações e imigrações dos Espíritos.....	210
Raça adâmica.....	212
Doutrina dos anjos decaídos e do paraíso perdido.....	215

CAPÍTULO XII – GÊNESE MOSAICA

Os seis dias .....	221
O paraíso perdido.....	231

OS MILAGRES SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XIII – CARACTERES DOS MILAGRES.....243

CAPÍTULO XIV – OS FLUIDOS

Natureza e propriedades dos fluidos .....	255
Explicação de alguns fatos considerados sobrenaturais .....	267

CAPÍTULO XV – OS MILAGRES DO EVANGELHO

Observações preliminares .....	285
Sonhos .....	287
Estrela dos magos .....	288
Dupla vista.....	288
Entrada de Jesus em Jerusalém; Beijo de Judas ; Pesca milagrosa; Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus*	
Curas.....	291
Perda de sangue; O cego de Betsaida; Paralítico; Os dez leprosos; Mão seca; A mulher curvada; O paralítico da piscina; Cego de nascença; Numerosas curas operadas por Jesus	
Possessos.....	302
Ressurreições .....	306
A filha de Jairo; O filho da viúva de Naim**	
Jesus caminha sobre a água .....	309
Transfiguração .....	310
Tempestade aplacada.....	311
Bodas de Caná .....	312
Multiplicação dos pães.....	313
O fermento dos fariseus; O pão do céu	
Tentação de Jesus.....	316
Prodígios por ocasião da morte de Jesus .....	317
Aparições de Jesus após sua morte .....	319
Desaparecimento do corpo de Jesus.....	324

\* Nota do tradutor: Os subtítulos citados nos itens Dupla vista; Curas; Ressurreições e Multiplicação dos pães estão registrados no miolo da obra e omitidos pelo autor no presente Sumário.

\*\* Nota do tradutor: A ressurreição de Lázaro também faz parte do item Ressurreições, embora não conste como subtítulo nem no Sumário nem no miolo da obra.

## AS PREDIÇÕES SEGUNDO O ESPIRITISMO

CAPÍTULO XVI – TEORIA DA PRESCIÊNCIA .....331

### CAPÍTULO XVII – PREDIÇÕES DO EVANGELHO

Ninguém é profeta em sua terra.....	343
Morte e paixão de Jesus.....	346
Perseguição aos apóstolos.....	347
Cidades impenitentes.....	348
Ruína do Templo e de Jerusalém .....	348
Maldição contra os fariseus.....	350
Minhas palavras não passarão.....	352
A pedra angular .....	353
Parábola dos Vinhateiros Homicidas .....	353
Um só rebanho e um só pastor .....	355
Advento de Elias.....	358
Anunciação do Consolador.....	358
Segundo advento do Cristo .....	362
Sinais precursores.....	364
Vossos filhos e vossas filhas profetizarão .....	368
Juízo final.....	369

### CAPÍTULO XVIII – OS TEMPOS SÃO CHEGADOS

Sinais dos tempos .....	373
A geração nova.....	387

\* \* \*

REPRODUCTION NUMÉRISÉE DE LA 1<sup>RE</sup> ÉDITION FRANÇAISE .....395

[6 janvier 1868]

\* \* \*

*Nota explicativa*.....865

## Aviso da Editora

Lançada oficialmente a 6 de janeiro de 1868, em Paris, *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo* é o derradeiro livro da Codificação Espírita.

Trata-se de um dos maiores sucessos editoriais de Allan Kardec, haja vista que nos três primeiros meses daquele ano foram publicadas três edições consecutivas, as quais, juntamente com a quarta, impressa em 1869, mas conservando na capa e na folha de rosto o ano de 1868, guardam perfeita identidade em todos os pontos, não passando as três últimas de meras reimpressões, cópias idênticas da primeira edição.

Os estudiosos da Doutrina Espírita já devem ter percebido que esta obra, dentre todas as que integram o chamado pentateuco kardequiano, é a que revela, de forma bem mais ostensiva, a contribuição *pessoal* de Allan Kardec, embora guarde, evidentemente, perfeita consonância com a doutrina exposta pelos Espíritos reveladores da Codificação Espírita, sintetizada de forma magistral em *O livro dos espíritos*.

Logo na *Introdução* da obra, e antes de abordar os três aspectos em que ela se desdobra, o autor julgou por bem definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Reconhece que sua iniciativa pertence aos Espíritos, mas não constitui a opinião pessoal de nenhum deles; que não é, nem pode deixar de ser, senão *a resultante do ensino concordante por eles dado*, de modo que apenas sob tal condição podemos chamá-la doutrina *dos Espíritos*. Do contrário, fosse apenas a doutrina *de um Espírito*, só teria o valor de uma opinião pessoal.

Allan Kardec apresenta *A gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo* como complemento das precedentes, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que ele teve o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas como simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre o Espiritismo a responsabilidade delas.

Nas palavras quase textuais do Espírito São Luís, com a publicação deste livro o Espiritismo entrou numa nova fase; ao atributo de *consolador*, alia o de instrutor e diretor do espírito, em ciência, em filosofia, em moralidade. A caridade, sua base inabalável, dele fez o laço das almas ternas; a Ciência, a solidariedade, a progressão, o espírito liberal dele farão o traço de união das almas fortes. Conquistou os corações que amam com as armas da doçura; hoje, viril, é às inteligências viris que se dirige. Materialistas, positivistas, todos os que, seja qual for o motivo, se afastaram de uma espiritualidade cujas imperfeições suas inteligências lhes assinalavam, nele encontrarão novos alimentos para sua insaciabilidade... É esta nova fase que preparará as vias da fase que mais tarde se abrirá, porque cada coisa deve vir a seu tempo. Antecipar o momento propício é tão prejudicial quanto deixá-lo escapar.<sup>1</sup>

A despeito de tudo isso, e em que pese toda a sua importância, *A gênese* é um dos livros de Allan Kardec menos lidos e estudados pelos espíritas do Brasil. Esperamos que as palestras, seminários, conferências e congressos que as comemorações de seu sesquicentenário, em 2018, por certo suscitarão, possam despertar a atenção de nossos irmãos de ideal para a obra que veio coroar a missão do Codificador do Espiritismo.

A Federação Espírita Brasileira se associa às legítimas homenagens prestadas no Brasil e no Exterior ao 150º aniversário desta obra, editando-a em português e em francês, dado o seu inestimável valor histórico, a fim de que os leitores possam comparar ambos

<sup>1</sup> N.E.: KARDEC, Allan. *Revista Espírita: jornal de estudos psicológicos*. ano 11, n. 2, fev. 1868. *Instruções dos Espíritos*, it. Apreciação da obra sobre a Gênese. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 2. imp. Brasília: FEB, 2010.



os textos e confrontá-los com a versão definitiva de *A gênese* – a 5ª edição – revista, corrigida e ampliada, publicada em Paris em dezembro de 1872.

A EDITORA  
Brasília (DF), 6 de janeiro de 2018.

# Introdução

Esta nova obra é um passo a mais no terreno das consequências e das aplicações do Espiritismo. Conforme indica o seu título, ela tem como objetivo o estudo dos três pontos até agora diversamente interpretados e comentados: *a Gênese, os milagres e as predições*, em suas relações com as novas leis que decorrem da observação dos fenômenos espíritas.

Dois elementos, ou, se quiserem, duas forças regem o Universo: o elemento espiritual e o elemento material. Da ação simultânea desses dois princípios resultam fenômenos especiais que se tornam naturalmente inexplicáveis, desde que se abstraia de um deles, do mesmo modo que a formação da água seria inexplicável se não se levasse em consideração um dos seus elementos constituintes: o oxigênio ou o hidrogênio.

Ao demonstrar a existência do Mundo Espiritual e suas relações com o mundo material, o Espiritismo fornece a explicação de uma imensidade de fenômenos incompreendidos e, por isso mesmo, considerados inadmissíveis por parte de certa classe de pensadores. Esses fatos abundam nas Escrituras e, por desconhecerem a lei que os rege, é que os comentadores dos dois campos opostos, girando sempre dentro do mesmo círculo de ideias, fazendo uns abstração dos dados positivos da Ciência, outros, do princípio espiritual, não conseguiram chegar a uma solução racional.

Essa solução se encontra na ação recíproca do espírito e da matéria. É verdade que ela tira da maioria de tais fatos o seu caráter sobrenatural. Porém, o que vale mais: admiti-los como resultado das Leis da

Natureza ou rejeitá-los completamente? Sua rejeição absoluta acarreta a negação da própria base do edifício, ao passo que a admissão a tal título, suprimindo-se apenas os acessórios, deixa intacta a base. É por isso que o Espiritismo conduz tantas pessoas à crença em verdades que antes consideravam meras utopias.

Esta obra é, pois, como já o dissemos, um complemento das aplicações do Espiritismo, de um ponto de vista especial. Os materiais se achavam prontos, ou, pelo menos, elaborados desde longo tempo, mas ainda não chegara o momento de os publicar. Era preciso, primeiramente, que as ideias destinadas a lhes servirem de base houvessem chegado à maturidade e, além disso, que se levasse em conta a oportunidade das circunstâncias. O Espiritismo não tem mistérios nem teorias secretas; tudo nele deve ser dito com clareza, a fim de que todos o possam julgar com conhecimento de causa; mas cada coisa tem de vir a seu tempo, para vir com segurança. Uma solução dada irrefletidamente, antes da elucidação completa da questão, seria mais uma causa de atraso do que de avanço. Na de que aqui tratamos, a importância do assunto nos impunha o dever de evitar qualquer precipitação.

Antes de entrarmos em matéria, pareceu-nos necessário definir claramente os papéis respectivos dos Espíritos e dos homens na elaboração da nova doutrina. Essas considerações preliminares, que dela afastam toda ideia de misticismo, fazem o objeto do primeiro capítulo, intitulado: *Caracteres da revelação espírita*. Pedimos séria atenção para esse ponto, porque, de certo modo, aí está o nó da questão.

Sem prejuízo da parte que toca à atividade humana na elaboração desta doutrina, a iniciativa da obra pertence aos Espíritos, mas não constitui a opinião pessoal de nenhum deles. Ela não é, nem pode deixar de ser, senão *a resultante do ensino coletivo e concordante por eles dado*. Somente sob tal condição podemos chamá-la doutrina *dos Espíritos*. De outra forma, seria apenas a doutrina *de um Espírito* e só teria o valor de uma opinião pessoal.

Generalidade e concordância no ensino, esse o caráter essencial da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que todo

princípio que não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina, mas simples opinião isolada, cuja responsabilidade o Espiritismo não pode assumir.

É essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, submetida, além disso, ao critério da lógica, que constitui a força da Doutrina Espírita e lhe assegura a perpetuidade. Para que ela mudasse, fora preciso que a universalidade dos Espíritos mudasse de opinião e viesse um dia dizer o contrário do que havia dito. Uma vez que ela tem sua origem no ensino dos Espíritos, para que sucumbisse seria necessário que os Espíritos deixassem de existir. É também o que fará que prevaleça sobre os sistemas pessoais, cujas raízes não se encontram por toda parte, como se dá com o Espiritismo.

*O livro dos espíritos* só teve consolidado o seu crédito por ser a expressão de um pensamento coletivo, geral. Em abril de 1867 completou o seu primeiro período decenal. Nesse meio tempo, os princípios fundamentais, cujas bases ele havia assentado, foram sucessivamente completados e desenvolvidos, em virtude do ensino progressivo dos Espíritos. Nenhum, porém, recebeu desmentido da experiência; todos, sem exceção, permanecem de pé, mais vivazes do que nunca, ao passo que, de todas as ideias contraditórias que alguns tentaram opor-lhe, nenhuma prevaleceu, precisamente porque, de todos os lados, era ensinado o contrário. Eis um resultado característico que podemos proclamar sem vaidade, pois que jamais nos atribuímos o mérito de tal fato.

Os mesmos escrúpulos havendo presidido à redação das nossas outras obras, podemos, com toda verdade, dizê-las *segundo o Espiritismo*, porque estamos certos da conformidade delas com o ensino geral dos Espíritos. O mesmo sucede com esta, que podemos, por motivos semelhantes, apresentar como complemento das precedentes, com exceção, todavia, de algumas teorias ainda hipotéticas, que tivemos o cuidado de indicar como tais e que devem ser consideradas como simples opiniões pessoais, enquanto não forem confirmadas ou contraditadas, a fim de que não pese sobre a Doutrina a responsabilidade sobre elas.

Aliás, os leitores assíduos da Revista<sup>2</sup> já devem ter notado, sob a forma de esboços, a maioria das ideias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos com relação às anteriores. Muitas vezes a Revista representa, para nós, um terreno de ensaio, destinado a sondar a opinião dos homens e dos Espíritos sobre alguns princípios, antes de os admitir como partes constitutivas da Doutrina.

ALLAN KARDEC

---

<sup>2</sup> Nota do tradutor: *Revista Espírita*.

A GÊNESE SEGUNDO  
O ESPIRITISMO



# Caracteres da revelação espírita

1. Pode o Espiritismo ser considerado uma revelação? Neste caso, qual o seu caráter? Em que se funda a sua autenticidade? A quem e de que maneira foi feita? A Doutrina Espírita é uma revelação, no sentido litúrgico<sup>3</sup> da palavra, ou seja, ela é, em todos os pontos, o produto do ensino oculto vindo do Alto? É absoluta ou suscetível de modificações? Trazendo aos homens a verdade integral, a revelação não teria por efeito impedi-los de fazer uso das suas faculdades, já que lhes pouparia o trabalho da investigação? Qual a autoridade do ensino dos Espíritos, se eles não são infalíveis nem superiores à Humanidade? Qual a utilidade da moral que pregam, se essa moral não é diferente da moral do Cristo, já conhecida? Quais as verdades novas que eles nos trazem? Precisar o homem de uma revelação? E não poderá achar em si mesmo e em sua consciência tudo quanto lhe é necessário para se conduzir? Tais as questões que devemos considerar.

2. Definamos primeiro o sentido da palavra *revelação*.

*Revelar*, termo derivado da palavra *véu* (do latim *velum*), significa literalmente *tirar o véu* e, figuradamente, descobrir, dar a conhecer uma coisa secreta ou desconhecida. Em sua acepção vulgar mais genérica,

---

<sup>3</sup> Nota do tradutor: Termo substituído com vantagem pelo vocábulo *teológico*, a partir da 5ª edição francesa, publicada em 1872.

diz-se de toda coisa ignorada, de qualquer ideia nova que nos põe ao corrente do que não sabíamos.

Deste ponto de vista, todas as ciências que nos fazem conhecer os mistérios da Natureza são revelações e se pode dizer que há para nós uma revelação incessante. A Astronomia revelou o mundo astral, que não conhecíamos; a Geologia, a formação da Terra; a Química, a lei das afinidades; a Fisiologia, as funções do organismo etc. Copérnico, Galileu, Newton, Laplace, Lavoisier foram reveladores.

3. O caráter essencial de qualquer revelação tem que ser a verdade. Revelar um segredo é tornar conhecido um fato; se é falso, já não é um fato e, por conseguinte, não existe revelação. Toda revelação desmentida pelos fatos deixa de o ser; e se for atribuída a Deus, visto que Deus não mente nem se engana, não pode emanar d'Ele. Logo, deve ser considerada produto de uma concepção humana.

4. Qual o papel do professor diante dos seus discípulos, senão o de um revelador? O professor lhes ensina o que eles não sabem, o que não teriam tempo nem possibilidade de descobrir por si mesmos, porque a Ciência é obra coletiva dos séculos e de uma infinidade de homens que trazem, cada qual, o seu contingente de observações aproveitáveis àqueles que vêm depois. O ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades, científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fora, as teriam ignorado sempre.

5. Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da Humanidade sem a revelação dos homens de gênio que aparecem de tempos em tempos?

Mas quem são esses homens de gênio? E por que são homens de gênio? De onde vieram? Que é feito deles? Notemos que a maioria traz, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem. Pertencem realmente à Humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, pois, adquiriram



esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, como os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos homens? Suposição igualmente ilógica, pois que qualificaria Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. O homem de gênio é um Espírito que tem vivido mais tempo; que, por conseguinte, adquiriu e progrediu mais do que aqueles que estão menos adiantados. Encarnando, traz o que sabe, e como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior e não resultado de um privilégio. Antes de renascer, já era Espírito adiantado; reencarna para fazer que os outros aproveitem do que já sabe, ou para adquirir mais do que possui.

Os homens progredem incontestavelmente por si mesmos e pelos esforços da sua inteligência. Mas, entregues às próprias forças, só muito lentamente progrediriam, se não fossem auxiliados por outros mais adiantados, como o estudante o é pelos professores. Todos os povos tiveram homens de gênio, que surgiram em diversas épocas para impulsioná-los e tirá-los da inércia.

6. Desde que se admite a solicitude de Deus para com as suas criaturas, por que não se há de admitir que Espíritos capazes, por sua energia e superioridade de conhecimento, de fazerem que a Humanidade avance, encarnem pela vontade de Deus, a fim de ativarem o progresso em determinado sentido? Que recebam missões, como um embaixador as recebe do seu soberano? É este o papel dos grandes gênios. Que vêm eles fazer senão ensinar aos homens verdades que estes ignoram e ainda ignorariam durante largos períodos, a fim de lhes dar um ponto de apoio mediante o qual possam elevar-se mais rapidamente? Esses gênios, que aparecem através dos séculos como estrelas brilhantes, deixando longo traço luminoso sobre a Humanidade, são missionários ou, se o quiserem, messias. Se só ensinassem aos homens o que estes já sabem, sua

presença seria completamente inútil; as coisas novas que lhes ensinam, quer na ordem física, quer na ordem filosófica, são *revelações*.

Se Deus suscita reveladores para as verdades científicas, pode, com mais forte razão, suscitá-los para as verdades morais, que constituem elementos essenciais do progresso. Tais são os filósofos cujas ideias atravessam os séculos.

7. No sentido especial da fé religiosa, a revelação se diz mais particularmente das coisas espirituais que o homem não pode descobrir por si mesmo, nem com o auxílio dos sentidos, e cujo conhecimento lhe é dado por Deus ou por seus mensageiros, quer por meio da palavra direta, quer pela inspiração. Neste caso, a revelação é sempre feita a homens privilegiados, designados sob o nome de profetas ou *messias*, isto é, *enviados*, *missionários*, incumbidos de transmiti-la aos homens. Considerada sob esse ponto de vista, a revelação implica a passividade absoluta e é aceita sem controle, sem exame, sem discussão.

8. Todas as religiões tiveram seus reveladores, e estes, embora estivessem longe de conhecer toda a verdade, tinham uma razão de ser providencial, porque eram apropriados ao tempo e ao meio em que viviam, ao caráter particular dos povos a quem falavam e aos quais eram relativamente superiores. Apesar dos erros das suas doutrinas, não deixaram de agitar os espíritos e, por isso mesmo, de semear os germens do progresso, que mais tarde haviam de desenvolver-se, ou se desenvolverão à luz do Cristianismo. É, pois, injusto lançar anátema contra eles em nome da ortodoxia, porque dia virá em que todas essas crenças, tão diversas na forma, mas que repousam realmente sobre um mesmo princípio fundamental: Deus e a imortalidade da alma se fundirão numa grande e vasta unidade, tão logo a razão triunfe sobre os preconceitos.

Infelizmente, as religiões têm sido, em todos os tempos, instrumentos de dominação; o papel de profeta sempre tentou as ambições secundárias e tem-se visto surgir uma multidão de pretensos reveladores ou messias, que, valendo-se do prestígio deste nome, exploram a credulidade em proveito do seu orgulho, da sua cupidez ou da sua indolência, achando mais cômodo viver à custa dos iludidos. A religião cristã não

pôde evitar esses parasitas. A respeito do assunto, chamamos particularmente a atenção para o capítulo XXI de *O evangelho segundo o espiritismo: Haverá falsos cristos e falsos profetas*.

9. Haverá revelações diretas de Deus aos homens? É uma questão que não ousaríamos resolver, nem afirmativamente, nem negativamente, de maneira absoluta. O fato não é radicalmente impossível, porém, nada nos dá dele prova certa. O que parece certo é que os Espíritos mais próximos de Deus pela perfeição se impregnam do seu pensamento e podem transmiti-lo. Quanto aos reveladores encarnados, segundo a ordem hierárquica a que pertencem e ao grau de saber a que chegaram, estes podem tirar de seus próprios conhecimentos as instruções que ministram, ou recebê-las de Espíritos mais elevados, mesmo dos mensageiros diretos de Deus, os quais, falando em nome deste, têm sido às vezes tomados pelo próprio Deus.

As comunicações deste gênero nada têm de estranho para quem conhece os fenômenos espíritas e a maneira pela qual se estabelecem as relações entre os encarnados e os desencarnados. As instruções podem ser transmitidas por diversos meios: pela inspiração pura e simples, pela audição da palavra, pela percepção dos Espíritos instrutores nas visões e aparições, quer em sonho, quer em estado de vigília, como se vê tantas vezes na *Bíblia*, no Evangelho e nos livros sagrados de todos os povos. É, pois, rigorosamente exato dizer-se que a maioria dos reveladores são médiuns inspirados, audientes ou videntes, o que não significa que todos os médiuns sejam reveladores, nem, ainda menos, intermediários diretos da Divindade ou dos seus mensageiros.

10. Só os Espíritos puros recebem a palavra de Deus com a missão de transmiti-la; mas sabe-se hoje que nem todos os Espíritos são perfeitos e que existem muitos que se apresentam sob falsas aparências, o que levou *João* a dizer: “Não acrediteis em todos os Espíritos; vede antes se os Espíritos são de Deus” (*I Epístola*, 4:4).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Nota do tradutor: Allan Kardec serviu-se da versão francesa de Louis-Isaac Lemaître de Sacy [século XVII], cujos versículos nem sempre correspondem aos fixados nas edições brasileiras e estrangeiras das Escrituras Sagradas. Daí as diferenças que poderão ser encontradas na enumeração de alguns versículos, se confrontados com as citações equivalentes registradas em nossos dias. É só comparar.

Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras, como existem as apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da Revelação Divina é o da *eterna verdade*. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus. É assim que a lei do Decálogo tem todos os caracteres de sua origem, enquanto as outras leis mosaicas, essencialmente transitórias, muitas vezes em contradição com a Lei do Sinai, são obra pessoal e política do legislador hebreu. Com o abrandamento dos costumes do povo, essas leis por si mesmas caíram em desuso, ao passo que o Decálogo ficou sempre de pé, como farol da Humanidade. Cristo<sup>5</sup> fez dele a base do seu edifício, abolindo as outras leis. Se estas fossem obra de Deus, seriam mantidas intactas. Cristo e Moisés foram os dois grandes reveladores que mudaram a face do mundo e nisso está a prova da sua missão divina. Uma obra puramente humana não teria tal poder.

11. Importante revelação se opera na época atual: a que nos mostra a possibilidade de nos comunicarmos com os seres do Mundo Espiritual. Não é novo, sem dúvida, esse conhecimento; mas ficara até agora, de certo modo, como letra morta, isto é, sem proveito para a Humanidade. A ignorância das leis que regem essas relações o abafara sob a superstição; o homem era incapaz de tirar daí qualquer dedução salutar. Estava reservado à nossa época desembaraçá-lo dos acessórios ridículos, compreender-lhe o alcance e dele fazer surgir a luz destinada a clarear o caminho do futuro.

12. O Espiritismo, dando-nos a conhecer o Mundo Invisível que nos cerca e no meio do qual vivíamos sem o suspeitarmos, as leis que o regem, suas relações com o mundo visível, a natureza e o estado dos seres que o habitam e, por conseguinte, o destino do homem após a morte, é uma verdadeira revelação, na acepção científica da palavra.

13. Por sua natureza, a revelação espírita tem duplo caráter: participa ao mesmo tempo da Revelação Divina e da revelação científica. Participa da primeira porque foi providencial o seu aparecimento e não o resultado da iniciativa, nem de um desígnio premeditado do homem;

<sup>5</sup> Nota do tradutor: Nem sempre Kardec antepõe o artigo "o" à palavra Cristo, ora grafando "Cristo", ora "o Cristo". Contudo, emprega invariavelmente a expressão "do Cristo", e não "de Cristo".